

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Organizando histórias de vidas rebeldes: a necessidade política de imaginar o impossível no diálogo entre Saidiya Hartman e Asad Haider

Lara Apolonio Rossetto, Camila Bernardo de Moura

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16587>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ORGANIZANDO HISTÓRIAS DE VIDAS REBELDES: A NECESSIDADE POLÍTICA DE IMAGINAR O IMPOSSÍVEL NO DIÁLOGO ENTRE SAIDIYA HARTMAN E ASAD HAIDER

Camila Bernardo de Moura

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6931-5701>

<c232656@dac.unicamp.br>

Unicamp. Campinas, SP, Brasil.

Lara Apolonio Rossetto

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6126-1650>

<l295717@dac.unicamp.br>

Unicamp. Campinas, SP, Brasil.

RESUMO: O presente artigo discute a relação entre as formas de narrativas históricas e suas consequências teóricas, práticas e políticas, tomando como objeto central o método da "fabulação crítica" desenvolvido por Saidiya Hartman. Diante dos limites, lacunas e parcialidades do arquivo histórico tradicional, Hartman introduz abertamente a imaginação e a escrita politicamente orientada para narrar os silêncios das existências relegadas ao não-histórico. A partir das análises do teórico Asad Haider sobre a obra de Hartman, este trabalho investiga os efeitos teórico-políticos de sua escrita. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico de leitura cruzada e aprofundada entre as obras de ambos os autores. Conclui-se que o método de Hartman desestabiliza a dicotomia entre ficção e empiria, transformando o que foi relegado à condição de invisível, impensável e impossível em visível, pensável e possível. Ao focar nas práticas cotidianas de rebeldia, agência e resistência do colonizado em detrimento da descrição do sofrimento imposto pelo opressor, o texto argumenta, alinhado a Haider, que a imaginação do passado é precondição para a organização política emancipatória no presente e, conseqüentemente, para a construção do futuro. Assim, delineia-se um horizonte de luta de massas, autônomo e independente do Estado, onde o destino histórico não é teleológico, mas uma constante disputa em aberto.

Palavras-chave: fabulação crítica, organização política, imaginação política, Saidiya Hartman, Asad Haider.

ORGANIZING HISTORIES OF WAYWARD LIVES: THE POLITICAL NECESSITY OF IMAGINING THE IMPOSSIBLE IN THE DIALOGUE BETWEEN SAIDIYA HARTMAN AND ASAD HAIDER

ABSTRACT: This article discusses the relationship between forms of historical narratives and their theoretical, practical, and political consequences, focusing on the method of "critical fabulation" developed by Saidiya Hartman. Faced with the limitations, gaps, and partialities of the traditional historical archive, Hartman openly introduces imagination and politically oriented writing to narrate the silences of existences relegated to the non-historical. Drawing on theorist Asad Haider's analysis of Hartman's work, this paper investigates the theoretical-political effects of her writing. Methodologically, the research is characterized as a bibliographical study involving a cross-examination and in-depth reading of the works of both authors. It concludes that Hartman's method destabilizes the dichotomy between fiction and empiricism, transforming what was relegated to the condition of the invisible, the unthinkable, and the impossible into the visible, the thinkable, and the possible. By focusing on the daily practices of rebellion, agency, and resistance of the colonized—rather than the description of the suffering imposed by the oppressor—the text argues, in alignment with Haider, that imagining the past is a precondition for emancipatory political organization in the present and, consequently, for building the future. Thus, it outlines a horizon of mass struggle that is autonomous and independent of the State, where historical destiny is not teleological, but a constant, open-ended dispute.

Keywords: critical fabulation, political organization, political imagination, Saidiya Hartman, Asad Haider.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma investigação dos efeitos teórico-políticos das formulações de Saidiya Hartman a partir da interpretação de Asad Haider. O objetivo é compreender as possibilidades políticas que emergem das narrativas dos que foram empurrados para o espaço da subalternidade, ou seja, o que é possível saber, pensar e imaginar quando, aqueles relegados a uma narrativa violenta e objetificada, ganham espaço para dizer o indizível e imaginar o impossível. O artigo sustenta que as noções de Fabulação Crítica e de Contranarrativa de Saidiya Hartman (2020; 2022) proporcionam formas materiais e políticas de agência ao deslocar as narrativas de sujeitos racializados da visão do colonizador para a do colonizado, dando voz aqueles e aquelas que foram, que são e tudo poderiam ter sido em suas vidas rebeldes.

Partindo da discussão a respeito dos limites do arquivo, o presente artigo evidencia o movimento central que Hartman assume em seus trabalhos, qual seja, o de fugir dos limites do

próprio material que investiga, através da chamada fabulação crítica e da contranarrativa. A autora introduz abertamente a imaginação às suas investigações históricas, narrando os silêncios que o arquivo não nos permite acessar, negando com isso a permanência numa crítica descritiva que apenas entende e explicita as lacunas do arquivo e, portanto, da própria pesquisa.

Sua proposta metodológica é central, uma vez que desafia os pressupostos epistemológicos e as normas acadêmicas de produção científica, que opõem, em seu cerne, imaginação e empiria, ficção e realidade. Ao reconhecermos que nossas fontes são, elas mesmas, parte das ficções da história, registros parciais do que já aconteceu, influenciados por infinitas determinações históricas, econômicas, culturais e políticas, como podemos aceitar que uma pesquisa fiel ao arquivo seja mais “verdadeira” do que aquela que se utiliza abertamente da fabulação para desenterrar tudo o que foi condenado a estar eternamente oculto? A fabulação crítica de Hartman nos permite não apenas questionar mas tensionar a linha entre real e imaginado, fornecendo-nos elementos para pensar outros critérios de realidade e verdade.

A escrita abertamente parcial e politicamente guiada é uma das principais características distintivas do trabalho de Hartman.. A escolha por narrar especificamente as “existências relegadas ao não-histórico” (2020), colocando-se sempre no ponto de vista da escrava, colonizada, oprimida e dominada, ao mesmo tempo em que considera sua própria existência como uma sobrevida da escravidão, guia toda a sua obra e seu significado político é explícito.

Diante desse enquadramento, o presente artigo adota a análise e discussão de Asad Haider sobre a obra de Hartman, e sobre sua própria obra, para tratar dos efeitos políticos de seu método. No centro da discussão está sua tentativa de pensar o invisível, o impensável e o impossível, tanto no passado, quanto no presente e no futuro. Seguindo a argumentação de Haider, defendemos que é a imaginação entrelaçada à sua narrativa histórica que nos permite fugir de uma concepção teleológica, abrindo espaço para uma concepção que centraliza a política no movimento e na dinâmica histórica, permeada constantemente por luta, disputa e resistência. Hartman não se debruça apenas sobre as “existências relegadas ao não-histórico”, mas sobre as *vidas rebeldes* que antecipam um estado de liberdade em suas práticas cotidianas. A questão levantada por Haider é: como traduzir essas ações em formas organizadas de prática política para que essa emancipação antecipada possa finalmente ser alcançada? De que forma Hartman abre o caminho para que as condições de construção dessa luta possa ser pensada? Exploraremos a conexão entre essas questões e a obra de Hartman no geral.

1. A VIOLÊNCIA DO ARQUIVO

A existência do sujeito racializado no mundo moderno emerge de um compilado de estruturas que se retroalimentam e o empurram constantemente para os espaços do “não” (Sharpe, 2016). Denise Ferreira da Silva, em sua obra “Homo Modernus: Para uma ideia Global de Raça” (2022), constrói um diagnóstico preciso desse processo, ao revelar que a filosofia, a ciência e o direito são mobilizados pela razão moderna para produzir a racialização do mundo e definir o que conta como humano, racional e legítimo, produzindo o sujeito racializado como corpo descartável.

O sujeito moderno, instituído na figura do branco europeu, atua como dispositivo que define o modelo de humanidade, ou seja, determina quem goza de direitos, razão e liberdade e a partir disso sustenta a ilusão de uma universalidade ética. Em contrapartida, aqueles que existem fora desses termos são produzidos na exterioridade da universalidade e, portanto, são os “Outros”.

Estar condicionado à exterioridade significa habitar o mundo destituído de uma gramática que reconheça sua humanidade plena, um espaço a-político, o qual Silva denomina 'horizonte da morte' (Silva, 2022), onde a existência não é protegida pela ética, mas gerida como vida descartável. Assim, a vida do sujeito racializado, o “Outro”, só é passível de ser conhecida e reconhecida a partir da gramática do dominador.

Nesse sentido, os arquivos históricos existem como expressão material dessa gramática universal, e operam como ferramenta da expressão colonial de poder, que controla o acesso àquilo que é possível conhecer a respeito da experiência negra.

Autoras como Saidiya Hartman (2022), Beatriz Nascimento (1989), Sueli Carneiro (2023) e Christina Sharpe (2016) diante desses arquivos históricos, denunciam como esses documentos restringem tudo àquilo que pode ser apreendido sobre a vida negra no passado, no presente e na construção do futuro, uma vez que condicionam a vida negra ao registro do cativo e da morte. Em Hartman esse aspecto assume centralidade, pois é a partir dele que a autora expõe como a violência do arquivo configura uma morte social, ou seja, como os documentos sobre sujeitos racializados e especialmente sobre a escravização estão fundamentados de tal modo que organizam e constituem sujeitos e contextos apenas como objetos, mercadorias e cadáveres.

É aqui que o diagnóstico de Silva encontra o dilema de Saidiya Hartman: Como vidas capturadas pela estrutura racial da modernidade que persiste após a abolição, existir na exterioridade é estar condicionado a sobrevivência da escravidão (Hartman, 2020), ou seja, ao modo como a

escravidão continua a estruturar o presente na forma de morte social, precariedade material e criminalização cotidiana.

Nesse enquadramento, a existência negra é, por definição, impossível dentro da gramática universal da modernidade. É importante ressaltar que a impossibilidade de existir não reside apenas na exclusão de uma gramática jurídico-política, mas em consequências materiais e institucionais que condicionam, organizam e sustentam um lugar no qual o negro existe apenas como objeto de regulação, violência e obliteração (Silva, 2022).

Produzido como uma vida descartável pela modernidade, o sujeito racializado é impedido de falar por si e de ser considerado como produtor de conhecimento. Esse processo faz com que tudo que conhecemos sobre a essência e a existência negra seja através do colonizador e de seus marcadores violentos, produzidos sob a libido no sofrimento do corpo racializado. Os arquivos não são neutros, eles são produzidos de um lugar específico e com uma finalidade específica, moldando o que se é possível compreender.

Nesse sentido, é preciso pensar e propor alternativas capazes de capturar os silêncios, os apagamentos e as violências não registradas pelos arquivos. Alternativas que recuperem sujeito racializado inscrito na temporalidade, ou seja, que recupere o passado, dando dignidade àqueles que já se foram, mas que ao mesmo tempo nos ajudem a construir o presente e imaginar o futuro. Aqui, imaginar o futuro não como um exercício utópico de desejo vazio, mas como ferramenta que impede o futuro anterior (Hartman, 2020/Silva, 2022).

Saidiya Hartman nos oferece essa alternativa através da Fabulação Crítica e da Contranarrativa, métodos que nos permitem ir além do “esboço insuficiente da (sua) existência” (Hartman, 2022, p.14) e conhecer uma história que não seja sobre violência, mas sobre vidas que desafiam os arquivos cotidianamente.

2. FABULAÇÃO CRÍTICA COMO PRÁTICA

Tanto em “Vênus em dois atos” (2020) quanto em “ Vidas rebeldes, belos experimentos” (2007)¹ Hartman constrói dois métodos essenciais para pensar através e além do arquivo. O primeiro deles, a fabulação crítica, é exercida como o espaço que permite imaginar “o que poderia ter sido”, não no sentido de simular a fala do sujeito escravizado, mas considerar as experiências situadas na morte social e corporal, imaginando o inimaginável:

¹ Refere-se ao livro “Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais”, originalmente publicado em 2007

“uma escrita impossível que tenta dizer o que resiste a ser dito (uma vez que garotas mortas são incapazes de falar). É uma História de um passado irrecuperável; é uma narrativa do que talvez tivesse sido ou poderia ter sido; é uma História escrita com e contra o arquivo.” (Hartman, 2020, p.30)

Já o segundo, a contranarrativa, ao propor uma escrita do “ lugar nenhum, do não lugar do gueto e do não lugar da utopia” (Hartman, 2022, p.7), nos convida a olhar para as jovens de Nova York nos anos 1920 como pessoas que exerceram a rebeldia de não aceitar o destino de obliteração e imaginaram outras maneiras de viver.

Ambos os métodos operam no modo subjuntivo porque é a única gramática capaz de enfrentar o silêncio do arquivo e produzir uma contra-História que não replique a violência. Assim, pensar a fabulação crítica e a contranarrativa como método não significa pensá-las como “fantasias”, mas aprendê-las como ferramentas que criam espaços para um tipo diferente de pensamento.

2.1 Saidiya Hartman e os caminhos do arquivo

Diante do arquivo, que exerce sua função política precisamente por omitir sua parcialidade, as formulações de Hartman operam em dois níveis distintos: primeiramente expondo e tensionando os limites de uma história forjada numa universalidade parcial e, secundamente, como um tipo de reparação daquilo que é irreparável ao construir possibilidades políticas no presente a partir do exercício do que poderia ter sido, materializando uma história até então invisível.

A respeito do primeiro ponto, Asad Haider, em seu artigo “Organizing Histories” (2016), toma a expressão de narrativa histórica no sentido literal: uma história contada através de um enredo específico, de uma sequência de eventos selecionados em uma ordem determinada, com protagonistas particulares, compondo uma compreensão da dinâmica histórica que estabelece o gênero literário que rege nosso próprio mundo.

Uma narrativa romântica da história determina a vitória como inevitável, a liberdade como o fim em direção ao qual estamos todos caminhando; enquanto a compreensão do movimento histórico como uma tragédia estabelece uma compreensão da realidade como inescapável, negando a possibilidade de um futuro diferente. Nos dois casos, o fim da história já foi determinado de antemão: ou vivemos em um mundo que, progressivamente, se encaminha para um futuro de paz e liberdade, que superará inevitavelmente o sofrimento e a miséria do presente; ou estamos condenados eternamente à tragédia do presente. Hartman é confrontada por essas duas narrativas e se recusa a adotá-las.

A narrativa centrada no sofrimento do escravo, isto é, nas ferramentas e práticas de exploração, opressão e dominação que o encarceram em sua condição, só visibiliza as ações do opressor e, assim, só nos permitem pensar o oprimido através dela. Esse movimento define a experiência negra negativamente, resumindo-a ao seu contraste com o branco, o opressor e o colonizador, entendido como o único agente histórico.

Tal movimento reduz ainda qualquer discussão sobre a existência e experiência negra, passada ou atual, em torno das práticas de manutenção e sustentação do sistema vigente. Assim, essa narrativa não admite a possibilidade de pensar as formas de organização política para que se possa lutar por um futuro diferente, pois só consegue encaixar o negro no espaço do não: o outro, aquele que não é sujeito, que não faz história, que não age.

Entretanto, Hartman também se nega a se alinhar com a história idílica que remonta à regalia de reis e rainhas africanas e suas grandes cortes. Haider explora essa ideia através da obra de Amílcar Cabral e os efeitos do seu conceito de “retorno à origem”. O revolucionário cabo-verdiano, identifica no movimento de retorno à origem que ocorria nos Estados Unidos, efeitos oportunistas pois se utilizava de uma imagem distorcida da África, sem compreender ou apoiar a luta do povo africano, para se reafirmar, perante o Estado americano, como negro e, assim, conseguir certas reformas pontuais que frequentemente não beneficiavam nem mesmo a maior parte da própria comunidade negra estadunidense. Além disso, se a prioridade é o resgate e a preservação apenas da identidade cultural africana, então é possível manter a cultura viva e as pessoas mortas: invadir, colonizar, espalhar o capitalismo e a democracia americana pelo mundo.

A recusa em entender a raça como uma identidade biológica, essencial, única e homogênea, leva à necessidade de compreendê-la, pelo contrário, como a marca de uma relação social de dominação. Como destaca Haider: “Discursos contemporâneos sobre raça frequentemente reduz a identidade ao biológico, disfarçado como ontológico, mas que é, na verdade, uma metafísica da presença, da raça como substância presente, visível e legível no corpo, ao invés de ser estampada sobre ele pela corrente, pelo chicote e pelo ferro quente” (Haider, 2018, p.11, tradução nossa). Entretanto, o imperativo de compreender esses determinantes políticos e históricos é acompanhado pela necessidade de não reafirmar o lugar do “não”, do outro, da mercadoria, e da violência como o único território possível da existência negra. É necessário entender a exploração, opressão e dominação sem centrar nas ações e práticas políticas do opressor e, portanto, sem estabelecê-lo como sujeito da história e sua dominação como eterna.

Para fugir do imobilismo político das narrativas românticas e trágicas da história, é necessário compreender a história como um processo sem fim, sem garantias de vitória ou derrota. Assim, é possível fugir de uma concepção teleológica, abrindo espaço para uma concepção que centraliza a política no movimento e na dinâmica histórica, permeada constantemente por luta, disputa e resistência. Hartman não se debruça apenas sobre as “existências relegadas ao não-histórico”, mas sobre as vidas rebeldes que antecipam um estado de liberdade em suas práticas cotidianas.

A questão levantada por Haider é: como traduzir essas ações à arena política, isto é, quais formas de organização podem permitir que essas vidas rebeldes adquiram força suficiente para lutar, coletivamente, por sua libertação? Como Hartman e sua narrativa histórica, construída através da fabulação crítica, podem contribuir para que essas formas sejam pensadas e materializadas?

3. O VISÍVEL, O PENSÁVEL E O POSSÍVEL: AS POSSIBILIDADES ABERTAS PELA FABULAÇÃO CRÍTICA

O princípio do qual partem Hartman e Haider, de que diferentes narrativas históricas condicionam nosso conhecimento sobre o passado, o presente e o futuro, deve tomar o verbo “condicionar” em seu sentido mais literal de impor condições. Formas distintas de compreender e contar a história fornecem os parâmetros sobre os quais compreendemos o real, definindo o que pode ou não ser visto, pensado e praticado.

De maneira esquemática, podemos dizer que os campos do visível e do invisível, na investigação histórica, delimitam nossa imaginação do passado. Ao contar a história das existências relegadas ao não-histórico, descartadas do arquivo por serem consideradas descartáveis, Hartman torna visível aquilo que foi invisibilizado historicamente, abrindo o caminho para pensar a parte da história que foi suprimida, silenciada e ocultada.

Por sua vez, os campos do pensável e do impensável delimitam nossa imaginação do presente. Como destaca Haider, a recusa de Hartman a contar a história do escravo apenas através do seu sofrimento, da sua sujeição e da sua dor, para então poder imaginar sua beleza, sua agência e sua rebeldia, desloca a análise das práticas coloniais de dominação e exploração para as práticas de rebeldia e resistência dos colonizados, dominados e explorados. Assim, abre o caminho para pensarmos nos problemas e práticas que não são normalmente considerados teoricamente significativos, ou ainda, que são relegados à esfera do impensável: as ações do dia-a-dia que não são consideradas como pertencentes ao campo do “político”, os espaços em que se desenvolvem e se

exercem constantemente formas de rebeldia e resistência (assim como os espaços em que essas formas não conseguem florescer) e a construção de coletividades e de formas organizativas autônomas de prática política.

Finalmente, os campos do possível e do impossível delimitam nossa imaginação do futuro. Ao narrar as “vidas rebeldes” e seus “belos experimentos”, Hartman revela que a dominação de qualquer sistema nunca é total, que a rebeldia nunca é aniquilada e que a resistência existe sempre na vida cotidiana daqueles que se encontram entre a impossibilidade do presente e do futuro. O escravo, o dominado, o explorado, o oprimido param de ser definidos em relação a um outro, não se caracterizam pela ausência de agência, mas pelas suas constantes práticas de uma liberdade que antecipa. Essa história se dá sob regimes de dominação, mas não é determinada por ele, pois onde existe opressão, existe luta. Assim, como destaca Haider, Hartman oferece uma narrativa que se recusa a postular um fim para a história, seja ele trágico (a opressão, a exploração e a dominação são eternas) ou romântico (a emancipação é certa e a história se move em direção à liberdade humana). A história de Hartman não possui nenhuma certeza ou garantia, pois seu motor é político e, portanto, o destino está em disputa.

Essa possibilidade aberta pela luta, contudo, não é abstrata, mas determinada pelos imperativos históricos e políticos das determinações materiais de cada conjuntura. Como indica Haider, a narrativa de Hartman permite que tracemos duas linhas distintas e irreconciliáveis entre formas de contar a história e as formas de organização política correspondentes a cada uma delas.

A narrativa da história como tragédia, que estabelece que a única forma de ação política é a do dominador, desemboca na consideração do sistema que sustenta sua dominação como referência para qualquer ação política. Dito de outra forma, a luta política é sempre pensada em sua relação com o Estado e, assim, lutar por emancipação é o mesmo que lutar por inclusão e reconhecimento dentro do sistema opressor. A narrativa da história como romance faz o mesmo, como já indicava Cabral: trata-se do oportunismo político de utilizar-se de uma identidade africana unificada fantasiosa que apaga a história do próprio povo africano, apenas para que se consiga, em outro país, realizar reformas dentro do Estado. O caráter romântico se encontra na justificativa de que reformas progressivas em direção ao reconhecimento e inclusão nos levariam, gradativamente, ao fim de liberdade garantido por uma história que sempre evolui.

Todavia, ao conectar as práticas cotidianas de resistência e rebeldia, isto é, ao explicar a existência negra, durante a história, em referência à sua luta dentro do contexto mais do que adverso

ao qual está submetido, Hartman não apenas nos possibilita pensar em formas de resistência abstratas, mas formas autônomas de luta política. Ao se identificar, em “Perder a Mãe”, com as práticas dos escravos fugitivos, Hartman afirma que essas ações de rebelião se relacionam com o sonho de autonomia, não de pertencimento à nação, um sonho de um outro lugar, sem Estado. Em “Vidas Rebeldes”, Hartman vai além, afirmando que as mulheres cujas vidas são narradas, através de sua rebeldia cotidiana, formam um coro, agindo junto mesmo que separadamente, antecipando a liberdade na imaginação de um outro futuro.

Desse modo, Hartman delimita o lugar em que essas práticas se desenvolvem e conseguem existir: fora das formas existentes de organização política, isto é, aquelas que justamente dependem e se definem em relação ao Estado, seguindo seus parâmetros. Pelo contrário, essas práticas de liberdades só podem ser compatíveis com uma forma política autônoma de massas, em que as agentes e pensadoras são aquelas que praticam a liberdade antecipada diariamente em suas vidas rebeldes. Uma política emancipatória só pode, portanto, ser desenvolvida em referência às práticas do coro, através dele e por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginar um estado de liberdade, nos termos de Hartman e Haider, é uma questão tanto de historiografia, quanto de prática política.

No primeiro caso, Saidiya Hartman nos oferece uma compreensão de história que transforma o invisível em visível, ao narrar as existências ocultadas pelos silêncios do arquivo, o impensável em pensável, recusando-se a se restringir à prática política do colonizador para que possamos pensar nas formas de resistência e rebelião do colonizado, e o impossível em possível ao caracterizar as práticas de rebelião como uma antecipação que demonstra e comprova a possibilidade de construção de um estado futuro de liberdade.

Já no segundo caso, Asad Haider ressalta as particularidades do pensamento de Hartman, tecendo uma linha direta entre sua narrativa histórica, a concepção de raça nela imbricada, assim como o conteúdo político que compõe a identidade afirmada por Hartman, que não se identifica com os reis da antiga nobreza africana, mas com os escravos fugitivos, rebeldes, suicidas e sua luta constante por autonomia e liberdade. Dessa forma, Haider relaciona essa narrativa com os afetos

que mobiliza e as possibilidades de mobilização política através deles, delimitando o tipo de organização política correspondente ao seu projeto (política autônoma de massas).

Para Haider, Hartman nos oferece um caminho para pensar e superar a fragmentação política sobre a qual disserta em seu livro, "Armadilha da Identidade" (2019), justamente por possibilitar uma compreensão da história cujo destino está em jogo, cujo resultado não é garantido, mas constantemente disputado na luta política. Assim, coloca a organização política como uma questão central para disputar os rumos da história e, seguindo as coordenadas de Hartman, considera que essa organização só pode ser feita fora e independentemente do Estado, no seio das massas, através do coro. É apenas nesse espaço que se pode traduzir as práticas cotidianas de rebelião em uma organização capaz de efetivamente disputar politicamente para que o estado de liberdade possa ser, um dia, alcançado. Esse reconhecimento seria o primeiro passo, inicial e necessário, para que o possível seja alargado e novos caminhos sejam abertos, sem garantia de vitória, nem de derrota.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. *Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223–244, 1984.

HAIDER, Asad. Organizing Histories. **Viewpoint Magazine**, 1 nov. 2016. Disponível em: < <https://viewpointmag.com/2016/11/01/organizing-histories/> >. Acesso em: 16 jun. 2026.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade**: raça e classe na era de Trump. Tradução de Leo Vinicius Liberato. São Paulo: Veneta, 2019.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada ao longo da rota do tráfico de escravos. Tradução de Carla Ribeiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Cenas de sujeição**: terror, escravidão e automodelagem na América do século XIX. Tradução de Luís Reyes Gil. São Paulo: Crocodilo; Hedra, 2022.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTTS, Alex; NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

NASCIMENTO, Beatriz. **The Dialectic is in the Sea: The Black Radical Thought of Beatriz Nascimento**. Princeton: Princeton University Press, 2023.

SHARPE, C. **In the Wake: On Blackness and Being**. Durham: Duke University Press, 2016.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo modernus: para uma ideia global de raça**. São Paulo: Cobogó, 2022.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:

Nenhuma ferramenta de inteligência artificial foi utilizada.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:

Camila Bernardo de Moura: concepção, metodologia, análise, investigação, visualização e escrita (redação, revisão e edição).

Lara Apolonio Rossetto: concepção, metodologia, análise, investigação, visualização e escrita (redação, revisão e edição).

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

As autoras declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER

Camila Bernardo de Moura: Mestranda em Ciência Política pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Pesquisadora com interesse nos temas de violência institucional, cidadania, reparação, raça e gênero.

Lara Apolonio Rossetto: Mestranda em Ciência Política pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Pesquisadora com interesse nos temas de organização e prática política, raça, imperialismo e teoria marxista.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.